

As Quatro Estações do Ano

Uma Instalação de Ferreira da Silva nas Caldas da Rainha

Isabel Xavier | Presidente da Associação Património Histórico PH – Grupo de Estudos | caldas.ph@gmail.com





Rua Vitorino Fróis,
Praça da Universidade, Pólo 1
2500 – 256 Caldas da Rainha



+351 964 425 410



FÓRUM DO PATRIMÓNIO 2017

Intervenção de Isabel Xavier
(Património Histórico - Grupo de Estudos)



© João Martins Pereira



Um dos aspetos singulares desta obra é o de não possuir designação definitiva, visto ser também conhecida como “Mãe d’Água” e “Jardins da Água”; outro é o de o próprio autor não a ter considerado concluída. De facto, o conjunto edificado, que foi crescendo por diversas fases, como um organismo, desde a década de noventa do século XX (1993) aos primeiros anos do século XXI (2009), deveria ainda ser prolongado até ao Chafariz das Cinco Bicas, através de uma intervenção ao nível do solo, em calçada portuguesa, num padrão ondulado, alusivo à água e ao movimento que lhe é próprio. Além disso, foi deixado em branco um espaço parietal, para o qual Ferreira da Silva tinha previsto compor um painel em azulejo predominantemente azul, figurando o perfil de alguém cuja mão seguraria um compasso aberto e apontado à ténepora.

Tratou-se de uma encomenda do (então) Centro Hospitalar das Caldas da Rainha, entidade que administrava o Hospital da Cidade e o Hospital Termal e respetivo património, do qual faziam parte o Parque D. Carlos I e a Mata, bem como muitos outros edifícios e equipamentos urbanos de relevante significado patrimonial. Entretanto, o próprio Hospital Termal e grande parte desses equipamentos passaram para a gestão da Câmara Municipal (2015), ao contrário desta instalação que parece ter-se tornado “terra de ninguém”. Ou seja, embora esteja na posse do



**A “Mãe d’Água”
situa-se junto da mata
de onde provêm as
águas termais, razão
de ser da própria
cidade das Caldas da
Rainha, e desta obra
que as referencia. Está
ali como testemunho
contemporâneo,
renovado, dessa
realidade histórica.**



Estado Central, localmente ninguém parece ser responsável pelo seu estado, que já vai sendo de visível degradação.

A instalação “Mãe d’Água” conjuga vestígios materiais deixados pelo passado – do antigo aqueduto existente na zona, mandado construir por D. João V – e novas intervenções marcadamente contemporâneas, formando um conjunto especificamente dedicado ao contexto em que se localiza, cuja história lhe confere sentido e razão de ser, ao mesmo tempo que a intervenção contemporânea atualiza e reinterpreta o seu significado.

Trata-se de uma obra de arte de contexto, entendendo contexto como o conjunto de circunstâncias, de características do lugar, muitas delas não visíveis, às quais é dado corpo, sem perder a noção de que é o trabalho artístico que cria a realidade operativa em que se inscreve. O que em muito acrescenta a respetiva autonomia e capacidade de criação do novo, numa perspetiva de paisagem integral.

A “Mãe d’Água” situa-se junto da mata de onde provêm as águas termais, razão de ser da própria cidade das Caldas da Rainha, e desta obra que as referencia. Está ali como testemunho contemporâneo, renovado, dessa realidade histórica. Na sua parte mais visível, a obra é constituída por três lagos de água, em diferentes planos, para os quais jorram as bicas do antigo aqueduto que, pela vetustez que o



O conjunto escultórico resultante da justaposição dos vários elementos constitutivos desta peça de arte urbana define um percurso a percorrer pelos visitantes. Essa é outra característica marcadamente contemporânea da referida obra, que a aproxima da chamada arte relacional, ou seja, da arte que pretende estabelecer interação com o público, de tal modo que só a presença deste a completa.



tempo lhes conferiu, contrastam com a leveza e o colorido do conjunto edificado na atualidade, de que se destacam, verticais, os “mastros” erguidos ao céu, assimétricos, revestidos de azulejos de padrões e cores desencontrados e marcados pela diversidade. Determinam um outro movimento próprio, complementar do das águas correntes, alusivo à erupção causada por Tífon (segundo testemunho do próprio autor da obra), deus da mitologia grega que rasgou o ventre materno (da Terra) a fim de nascer. Daí a assimetria algo caótica, vertical, mas em plano inclinado, com que esses mastros irrompem do chão, em direção ao alto.

É esta obra que estabelece a relação entre os edifícios termais e o do hospital, de construção mais recente, preenchendo um espaço deixado vazio e tornando visível o conjunto que constituem. A rainha Leonor é aqui personagem matricial, figurada por um rosto inscrito no chão da zona por onde se iniciou a construção, situada entre as traseiras do palácio real (Museu do Hospital e das Caldas) e o edifício da administração do hospital, zona ajardinada, mais reservada, menos urbana, menos exposta ao olhar de quem vislumbra a peça a partir do parque de estacionamento que (infelizmente) a separa do Chafariz das Cinco Bicas.

É um rosto circular, como os círculos em ferro preenchidos de elementos evocativos das quatro estações do ano, ou as formas cilíndricas de diferentes tamanhos que, assimetricamente, pontuam toda a intervenção. É um rosto que ao mesmo tempo se demarca e se confunde com o chão em que está inscrito, distinguindo-se da variedade de cores que impera nos restantes componentes da

instalação, pelos tons ocres mais condizentes com o revestimento cerâmico do chão em cores de tijoleira. Em seu redor inscreve-se o nome “Leonor” e a expressão poética: “até ao fim do mundo”, retirada do poema de Fernando Pessoa dedicado ao Infante D. Henrique, da *Mensagem*, talvez em alusão ao compromisso da rainha com o hospital de que é fundadora.

O conjunto escultórico resultante da justaposição dos vários elementos constitutivos desta peça de arte urbana define um percurso a percorrer pelos visitantes. Essa é outra característica marcadamente contemporânea da referida obra, que a aproxima da chamada arte relacional, ou seja, da arte que pretende estabelecer interação com o público, de tal modo que só a presença deste a completa. Escadas sobem e descem, num constante e insistente convite ao público para que percorra os percursos definidos por elas e pelas passagens por entre os lagos que evoluem em diferentes planos. Há ainda uma escada em ferro, por detrás da instalação, na direção do edifício conhecido como “*das lavandarias*”, integrando na peça a parede resultante do desnível entre essa zona e as “Quatro Estações”. Preenchida de cor, com desenhos de sol, nessa parede transformada em painel pode ler-se a seguinte inscrição: “*É o sol que peca quando em vez de criar seca*”, adaptada de um poema do *Cancioneiro* de Fernando Pessoa.

Há qualquer coisa de cenográfico nesta instalação, como se constituísse um palco. Impressão que é acentuada pela existência de uma varanda e dois varandins, a que não faltam sequer as balastradas de ferro, num

convite à representação e à participação do público visitante. O fundo do “palco” é preenchido pelas esculturas em ferro que se erguem entre paredes revestidas de azulejos, evocando as quatro estações, em formas circulares. Mais atrás, um novo “pano de fundo” é definido pelo arvoredo da mata, num enquadramento que as transparências criadas pelos aros metálicos das esculturas das *Quatro Estações* acentuam, conferindo-lhe nova vida e significado, como que integrando o verde na própria peça. A circularidade é a forma que impera sempre, até mesmo no modo como estão colocados os azulejos em redor das esculturas em ferro, numa invocação eminentemente solar. A certa altura da respetiva construção, Ferreira da Silva pensou dedicar esta peça a Gil Vicente, dramaturgo de quem D. Leonor era mecenas, autor do *Auto de S. Martinho*, escrito a pensar na rainha e na obra de benevolência que realizou nas Caldas.

Outra marca de contemporaneidade é dada pela inclusão de uma fita de texto que evolui em volta dos lagos de água, inscrição evocativa das águas, cujos caracteres variam de tipo e nem sempre são fáceis de decifrar. Trazidas da *Ode Marítima* de Álvaro de Campos, heterónimo de Fernando Pessoa, as palavras tratam de um outro modo, literário, complementar, o referente da obra: as águas.

Do todo escultórico que a instalação Mãe d’Água constitui, da estética essencialmente contemporânea que a caracteriza, desprende-se uma certa imagem totémica, particularmente bem conseguida no conjunto de elementos que emergem do terceiro lago, num plano um pouco mais elevado e mais próximo da mata.



© João Martins Pereira



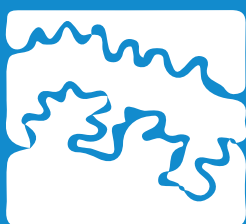
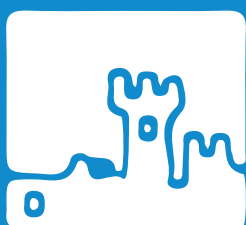
© João Martins Pereira

O que constitui outra marca de contemporaneidade. A zona assim definida, de construção mais recente, evidencia profunda afinidade com as formas construídas por Ferreira da Silva na intervenção intitulada “Mito e Inquietação: Leda e o Cisne”, em Reguengos de Monsaraz, em 2002. Da residência artística que desenvolveu, entre maio e julho desse ano, nas tradicionais olarias da região, resultou uma experiência particularmente inspirada e inspiradora, dando corpo a um caso particularmente interessante de revitalização das formas tradicionais através da sua recomposição contemporânea, ao mesmo tempo que conferia uma nova dinâmica ao espaço público dessa vila alentejana. De carácter temporário no contexto que lhes deu origem, essas formas permanecem na intervenção que Ferreira da Silva levou a efeito na fase final das “Quatro Estações”, nas Caldas da Rainha.

Nessa mesma zona, ao nível do solo, várias elevações de relevo irregular ondulam, coloridas, acentuando uma outra afinidade desta peça de arte urbana, desta vez com a “Sagrada Família” de Gaudí – também nunca completa, nunca pronta – e, de modo geral, com Barcelona. De facto, o revestimento desses relevos em pequenos “seixos” coloridos sugere-nos de imediato a cidade catalã e o padrão que lhe é característico, profusamente reproduzido nos artefactos para consumo turístico.

Resta dizer que tão significativa obra, em cerâmica, mas rompendo esteticamente com a expressão tradicional do meio cerâmico caldense, aliando à cerâmica o vidro e o ferro, numa mestria técnica notável, revisitando de forma contemporânea a fundação termal da cidade, conferindo expressão atual ao tema

das águas, está votada ao abandono. Falta-lhe a água de que (também) é feita, morre literalmente de sede. Tal situação deve-se, alegadamente, ao facto de as águas estarem a contaminar por via aérea um dos furos das águas termais. Mas se houvesse a desejável higienização das águas, como acontece noutros equipamentos, esse problema não se colocaria. É como se não quiséssemos viver no nosso tempo e nos eximissemos de deixar uma marca contemporânea na paisagem urbana da cidade. ■



PATRIMÓNIO HISTÓRICO

A ASSOCIAÇÃO **PATRIMÓNIO HISTÓRICO PH – GRUPO DE ESTUDOS**, COM SEDE NAS CALDAS DA RAINHA, INICIOU A SUA ATIVIDADE EM 1990 COMO UNIDADE DE PRODUÇÃO CULTURAL DA CASA DA CULTURA E ADQUIRIU ESTATUTO JURÍDICO AUTÓNOMO EM 1993. TEM-SE DEDICADO À PROMOÇÃO, VALORIZAÇÃO E DEFESA DO PATRIMÓNIO, BEM COMO AO SEU ESTUDO RIGOROSO, NA REGIÃO EM QUE SE INSERE. APÓS QUASE TRINTA ANOS DE ATIVIDADE, E COM MAIS DE TRINTA TÍTULOS PUBLICADOS, A ASSOCIAÇÃO POSSUI UM CONJUNTO DE ESPÓLIOS, COM DESTAQUE PARA OS DO DR. FERNANDO CORREIA E DO FOTÓGRAFO JOSÉ NETO PEREIRA.

PRESENTEMENTE, TEM-SE DEDICADO À CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO **CENTRO DE ESTUDOS E DOCUMENTAÇÃO DE CERÂMICA CALDENSE CONTEMPORÂNEA FERREIRA DA SILVA**, QUE INTEGRA O PROJETO **CALDAS CIDADE CERÂMICA**, PROMOVIDO PELA CÂMARA MUNICIPAL, COMISSARIADO POR JOÃO B. SERRA. NESTE ÂMBITO, FORAM RECENTEMENTE PUBLICADOS DOIS LIVROS DA RESPONSABILIDADE DIRETA DA ASSOCIAÇÃO: **CERÂMICA DAS CALDAS NO SÉCULO XX UMA CRONOLOGIA**; **FERREIRA DA SILVA OBRA EM ESPAÇO PÚBLICO**.